

Andreza Mônica Batista da Silva
Fabiana Neiva Veloso Brasileiro
Milena de Holanda Oliveira Bezerra
Andréa Alexandre Vidal

DESENVOLVIMENTO DO TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS E SUA CONTRIBUIÇÃO COM CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL

RESUMO

Historicamente, o abuso sexual é uma violência que sempre existiu, porém, ainda hoje, é a violência que gera a maior incomodidade social, quando se tratando do público infantil, a violência se torna ainda mais grave. Este trabalho tem como objetivo a compreensão das Habilidades Sociais (HS) e como o treino dessas habilidades podem contribuir para uma melhor interação social desses indivíduos que podem ter sofrido uma perda dessas habilidades mediante o abuso sexual. Percebeu-se, através das leituras feitas, que as crianças vítimas de abuso sexual tentam, a todo momento, se esquivar de situações como: briga dos pais e familiares, separação dos pais e com isso, se tornam passivas e obedientes diante dos abusadores. Porém, elas crescem sem discriminar o que é certo e errado, fazendo com que não tenham parâmetro do que é ou não abusivo. Conclui-se que o fortalecimento dos vínculos sociais dessa criança é de suma importância, tanto para um desenvolvimento saudável, como para que ela não pense que, ao chegar na casa de apoio, essa medida se torne uma punição e que se desenvolva nela uma crença no qual ela se torne a responsável pelo abuso.

PALAVRAS-CHAVE: Habilidades Sociais. Abuso Sexual Infantil. Casa de Apoio.

DEVELOPMENT OF SOCIAL SKILLS TRAINING AND ITS CONTRIBUTION TO CHILD VICTIMS OF SEXUAL ABUSE

ABSTRACT

Historically, sexual abuse is a violence which has always existed, but, still nowadays, it is a violence which causes the biggest social discomfort, and it becomes even more serious when concerning children. This work aims at comprehending the Social Skills (SS) and how their training can contribute to a better social interaction of children who may have suffered a loss of such skills because of sexual abuse. It was observed that through readings children who are victims of sexual abuse try, at every moment, to avoid situations such as: fights of parents and relatives, separation of parents; as a result, they become passive and obedient to the abusers. However, they grow up without understanding what is right and what is wrong, and this makes them have no parameter of what is or what is not abusive. In conclusion, the strengthening of the social ties of a child is very important for her healthy development, and also to make her not to think that, when arriving at the support house, this will be a punishment, and then, preventing her from developing a wrong belief that she is responsible for the abuse.

KEYWORDS: Social Skills. Child Sexual Abuse. Support House.

Enviado em: 10/12/2017
Aceito em: 15/08/2018
Publicado em: 28/09/2018

DOI: 10.25190/rec.v7i1.1855

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o abuso sexual é uma violência que sempre existiu, porém, ainda hoje, é a violência que gera o maior desconforto social, quando se tratando do público infantil, a violência se torna ainda mais grave. É inimaginável para a sociedade ter que aceitar que, de algum modo, existem pessoas que se beneficiam sexualmente com o corpo de uma criança, entretanto, essa violência chega até a ser com bebês. (GAUDERER, 1996).

Ao que se sabe, apenas 25% dos casos de abuso sexual são praticados por desconhecidos, sendo assim, a maioria dos casos são praticados por conhecidos ou até membro da família da criança. Em virtude disso, elas acabam desenvolvendo vários incidentes após essa violência, por conta da falta de aprendizagem ao que diz respeito a autoproteção, por conta de medo de represália dos abusadores, elas sentem a dificuldade de negar esses pedidos ou expor a violência.

Del Prette e Del Prette (1999) relacionam a melhora da qualidade de vida e o enriquecimento das relações sociais de pessoas que entram em contato com o treino de habilidades sociais. Dentro das habilidades sociais, as categorias de treino das habilidades assertivas e empáticas são as que mais se adequam à situação de crianças abusadas sexualmente, pois dentro da intervenção de treino assertivo, a criança aprende a discriminar situações que possam lhe causar dano físico ou moral, sendo assim, situações consideradas abusivas. A criança, também, desenvolve essas habilidades para se esquivar ou enfrentar futuras novas situações de abuso, ou de qualquer maneira onde ela tenha seus direitos violados.

De acordo com Furniss (1993), a relação entre a pessoa abusada se tornar um futuro abusador é real e comum de acontecer, fazendo com que seja reforçado essa cadeia de abusos sem fim. Baseado nisso, o treino de habilidades empáticas ensina sobre os direitos e também sobre os deveres da criança, e que assim como o de outras pessoas, os seus direitos devem ser respeitados e fazendo com que ela valorize essas questões, para não formar na criança a ideia de que ela pode ser um abusador no futuro.

O abuso sexual pode encadear vários tipos de consequências para a vítima, Arantes (2006) elenca algumas delas:

Lesões físicas, estresse, depressão, distúrbios de sono, enurese e encoprese, que são mais comuns em crianças bem pequenas, dores abdominais, bulimia, pesadelos, desinteresse pelos estudos, transtorno por estresse pós traumático, baixa autoestima, comportamento antissocial agressivo, tentativas de fuga ou suicídio, prostituição, toxicomania, delinquência, comportamentos de isolamento, gravidez na adolescência, hiperatividade, conduta sexual imprópria, podem também apresentarem comportamentos sexualizados, comportamentos passivos em relação a

autoproteção, e correm também o risco de tornarem-se abusadores futuramente, além de poder apresentar outros mais variados tipos de comportamentos antissociais.

Dentre as diversas subclasses dentro das Habilidades Sociais, os comportamentos que são trabalhados no treino, que diz respeito às habilidades empáticas são: comportamentos que expressem seus sentimentos, sempre levando em consideração seus direitos e os dos outros. Negociar interesses e negar pedidos que possam lhe parecer abusivos/ofensivos. Assim, a utilização desse treino traz para a criança um observar e se importar com os outros, com respeito pelo próximo.

O treino dessas habilidades afeta positivamente o desenvolvimento da criança, e indiretamente contribuindo para toda a sociedade, pois se trabalha as interações sociais da criança. Por tanto, esse treino de Habilidades Sociais se refere à aprendizagem de comportamentos que podem ajudar tanto a vida de crianças que foram abusadas sexualmente, como dificulta que essa mesma criança, abuse de outras crianças futuramente. A proposta de intervenção no desenvolvimento de habilidades com crianças abusadas sexualmente pode dar bons resultados, além de aumentar a atuação de psicólogos em casos como estes.

O presente projeto tem como objetivo a compreensão das Habilidades sociais e como o treino dessas habilidades pode contribuir para uma melhor interação social dessas crianças que podem ter sofrido uma perda de habilidades sociais mediante o abuso sexual, fazendo assim, com que a criança adquira comportamentos assertivos e de autoproteção mediante situações de risco. Diante disso, a literatura coloca como o treino das habilidades sociais pode colaborar para o desenvolvimento de habilidades assertivas em crianças vítimas de abuso sexual que se encontram na casa em instituições de apoio.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 HABILIDADES SOCIAIS

Quando se discorre sobre comportamentos sociais, é possível defini-los como duas categorias. Comportamentos esses, negativos ou positivos. Sendo que, as manifestações positivas que também são chamadas de comportamentos pró-sociais, consistem em gratificações e presentes. “Os comportamentos negativos, ou antissociais, incluem ameaças, agressões e censuras.” (SAUD, TONELOTTO. 2005, p.02)

O início do movimento das Habilidades sociais é, muitas vezes relacionado a Salter (1949) que, em seu livro *Conditioned Reflex Therapy* tratou da temática, e ainda é considerado um dos pais da terapia comportamental. Já em 1958, Wolpe começou a trabalhar na terapia comportamental com termos como “comportamento assertivo”, se referindo às diversas expressões de sentimentos. (CABALLO, 1996)

Por isso, as habilidades sociais estão muito ligadas às três categorias dentro da terapia comportamental: comportamento assertivo, não assertivo e agressivo. Silva e Marturano (2002) citam que

um comportamento socialmente habilidoso diz respeito à expressão do indivíduo e suas atitudes, opiniões, desejos, mas respeitando a si e aos outros, o que se associa a uma resolução imediata de tal problema e uma diminuição da probabilidade de problemas futuros.

De acordo com Alberti e Emmons (1978), o comportamento assertivo é um comportamento do indivíduo, onde ele consegue expor seus sentimentos de forma a não prejudicar sua relação com as outras pessoas, de forma coerente, sem prejudicar o direito dos outros. O não-assertivo ocorre quando não há nenhuma expressão de sentimentos, ou emitindo comportamentos contra a sua vontade por medo de comprometer a relação futura com outros. O comportamento agressivo é o comportamento onde o indivíduo expressa seus sentimentos, porém, esse processo causa sofrimento a outras pessoas e o desvaloriza como pessoa. (CABALLO, 1987).

Os comportamentos agressivos, assertivos e não-assertivos ainda podem ser gerais, ou situacionais, onde no geral, o indivíduo tem um padrão de comportamento que ele é expressado em qualquer situação e no situacional, ele emite esses comportamentos em situações específicas. Os comportamentos agressivos são sentidos como punições, que ao contrário do reforço positivo, trazem desvantagem tanto para o organismo punido, quanto para a agência punidora, trazendo à tona sentimentos negativos. (Skinner, 1952)

Assim, um adulto pode se comportar de forma não-assertiva em situação de trabalho (por não saber enfrentar assertivamente o chefe e temer o desemprego) e agressiva ao chegar em casa (porque, por exemplo, a esposa e filhos não vão reagir como o chefe poderia fazer e, também, como esta pessoa não expressou, durante todo dia, vários sentimentos e opiniões, chega um momento em que acaba sendo agressiva, por vezes, com o interlocutor errado). (SILVA; MARTURANO, 2002, p.03)

2.2 ABUSO SEXUAL INFANTIL

Na fase da infância, o “ser criança” é o mais importante, possibilitando que a criança adentre em seu universo de representações e seja respeitada por ele, pois a criança se encontra inserida em um processo de relações sociais que são histórica, cultural e psicológica, onde a criança começa a escrever a sua história. (LIMA, 2007)

Gauderer (1996) discorre que crianças que são vítimas de abuso sexual na maioria dos casos convivem com os abusos durante anos, onde por conta de os abusos serem intrafamiliar, elas se tornam passivas dessa situação, o que dificulta o processo da denúncia. Além de que, meninas são abusadas sexualmente 10 vezes mais do que os meninos.

Porém, deve-se salientar que nem todo abuso sexual diz respeito ao contato físico entre o abusador e o abusado:

O pai se coloca do lado de fora da janela do quarto da filha para vê-la vestir-se e despir-se está cometendo uma violência sexual contra a mente da criança, da mesma maneira que o pai que estrupa, pela violência e pela força, o corpo de sua filha. (BUTLER, 1978)

Furniss (1993) discorre em seu livro que é comum que crianças abusadas sexualmente aprendam a abusar de outras pessoas, baseada no seu abusador, fazendo assim, uma cadeia de abusos sem fim. Segundo Padilha (2002), o abuso sexual infantil tem um conceito muito grande, variando assim, sobre as perspectivas de várias culturas, pelo fato de que em alguns comportamentos podem ser tidos como proibidos em outras podem ser completamente aceitos e normais, sendo assim, um conceito nunca será universal. Porém, o autor conceitua como um fenômeno onde o adulto se utiliza de forma incorreta do corpo de uma criança com fins de satisfação sexual, sendo que a criança não tem o poder de decisão, ocorrendo assim, a relação abusiva.

Segundo Silva (2000), os primeiros diagnósticos de maus tratos só surgiram em 1970, e com eles, vieram as propostas de intervenção, onde elas contribuíram futuramente para a criação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) pois já se tinha conhecimento de mortalidade em decorrência dessa violência nos Estados Unidos.

O estatuto garante às crianças e aos adolescentes direitos, porém, a violência sexual se classifica com ações sexuais por cunho lesivo ao biológico e ao psicológico desse público, desrespeitando assim a liberdade e a dignidade, que são direitos humanos. O abuso foi incluído na categoria de maus tratos no estatuto, depois que alguns profissionais realizaram atendimento à crianças e adolescentes com queixas de abusos físicos. (FALEIRO; CAMPOS, 2000). A OMS (Organização Mundial de Saúde) declara que a violência sexual é um dos maiores problemas de saúde pública.

2.3 HABILIDADES EMPÁTICAS

Del Prette e Del Prette (2003) discorrem sobre a empatia, onde a palavra de origina do grego que significa “entrar no sentimento do outro”, onde logo se tornou o termo empatia. Por isso, empatia se coloca como atitudes onde é considerado a perspectiva do outro, compreensão da situação onde o outro se encontra e reagir a partir dessa perspectiva. Onde todo comportamento que se intitula neutro e imparcial, vai de encontro a toda regra da empatia.

O processo empático se caracteriza por três componentes: I) componente cognitivo (onde se caracteriza por identificar a perspectiva do outro); II) o componente afetivo (que lhe coloca no sentimento junto com o outro) e o III) o componente comportamental (que emitir comportamentos de compreensão verbais ou não-verbais em relação ao sentimento do outro, onde esses três comportamentos agem de forma integrada. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Em razão disso, pessoas empáticas tendem a ser mais amigas e compreensivas socialmente, pois se

colocam no lugar do outro e conseguem compreender todos os seus sentimentos de forma a não julgar, ou fazer má interpretação, com isso, suas relações são mais harmoniosas e satisfatórias.

Dentro do treino de Habilidades Empáticas, uma das formas é mostrar a criança que todas as pessoas são detentoras de direitos, assim como ela, pois tudo que ela não deseja para si, também não deve desejar para outras pessoas. Assim, a sua forma de expressar seus sentimentos de forma assertiva e a compreensão dos sentimentos dos outros, ela tem mais facilidade para lidar com situações de conflitos e com isso, influenciar positivamente na vida do outro. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999)

3 RESULTADO E DICUSSÕES

Os resultados encontrados conforme a sistematização de diversos estudos e autores, foram que a aplicação do treino de Habilidades Sociais nos casos de abuso sexual se torna muito eficaz. Diante desta constatação, sugere-se um reforço para a atuação do psicólogo mediante crianças que sofreram esse abuso na infância. Já que essa criança sofre uma implicância social de grande impacto e, o treino trabalha tanto com a prevenção de futuros abusos sexuais que possam ser cometidos por vítimas, quanto para a qualidade de vida dessas mesmas vítimas.

Na psicologia, se reconhece que a análise aplicada do comportamento vem se mostrando uma área cada vez mais presente, com atuações dentro do campo clínico e social, sobe a perspectiva das Habilidades Sociais contribuindo assim, com pesquisas e áreas afins sobre o tema.

Se faz necessário dentro do processo de maturação dessas habilidades, o fortalecimento dos vínculos sociais dessa criança recolhida, para que ela não pense que ao chegar à instituição de cunho “assistencialista”, essa medida se torne uma punição e que desenvolva nela uma crença onde ela se torna a responsável pelo abuso. O desenvolvimento desse treino traz um desenvolvimento mais saudável dessa criança, que tem um histórico de punição por outras pessoas que podem não ser unicamente o abusador, mas por exemplo, pessoas da sua rede social que não creem no abuso e tampouco, na história contada por ela sobre o fato.

Tento em vista que estudos ainda citam as habilidades empáticas como predispostas nos seres humanos por conta de sobrevivência, o abuso sexual se torna um grande bloqueio sobre as habilidades sociais dessa criança, capaz de gerar um déficit comportamental na vítima. Em síntese, não é possível traçar de modo direto, seguro e perfeito, os malefícios que o abuso sexual irá trazer, visto que estas crianças são expostas a diferentes contingências e visto à sua subjetividade. Porém, ao concluirmos que de fato, essa criança não estaria preparada física e psicologicamente para um ato sem sexual sem o seu consentimento, alguns atrasos no desenvolvimento devem ser considerados significativamente nessa criança.

Estes atrasos podem ocorrer a nível cognitivo e psicológico, como por exemplo: dificuldades de aprendizagem relativo às tarefas escolares, *déficits* de

atenção, hiperatividade, agressividade, dificuldade de senso crítico, comportamentos antissociais, dentre outros fatores que são bloqueados ou minimizam as suas atividades funcionais mediante o trauma sofrido, no caso, o abuso sexual.

Espera-se então, que ao se deparar com situações como estas, o profissional psicólogo se desprenda de todas suas crenças, “achismos”, julgamentos na generalização deste assunto. No processo de formação profissional é aprendido que ter uma sensibilidade, uma aceitação e uma relação empática se fazem necessários para que aconteça um vínculo entre o psicólogo e a criança, que irá possibilitar o acesso ao conteúdo e ao seu mundo.

Outro ponto importante diz respeito à existência de uma escuta que seja totalmente qualificada por parte do psicólogo, mais especificamente no que diz respeito às questões de violência. Importante salientar que geralmente os conteúdos que vem das vítimas não são acessados de imediato, dada a delicadeza do assunto. Através da escuta e também da observação, é que surgirá a realidade sobre o abuso, que pode vir tanto em forma do discurso, quanto revelada de modo simbólico em uma brincadeira ou um desenho, por exemplo. O psicólogo deve ter ainda, o conhecimento sobre o arcabouço das habilidades sociais, para que possa procurar meios de desenvolvimento das habilidades afetadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que, historicamente, o abuso sexual sempre existiu socialmente, fechar os olhos para a essa problemática não irá funcionar. Cabe ao profissional intervir tanto de forma preventiva, como no tratamento dessa criança para a redução dos danos causados pela violência sexual, além de fazer com que ela reforce os vínculos sociais e familiares.

As crianças vítimas de abuso sexual tentam a todo momento se esquivar de situações como: briga dos pais e familiares, separação dos pais e com isso, se tornam passivas e obedientes diante dos abusadores. Porém, elas crescem sem discriminar o que é certo e errado, fazendo com que não tenham parâmetro do que é ou não abusivo.

A forma de se trabalhar com a família da criança é fazer com que ela reforce comportamentos onde a criança valorize seus direitos e deveres, já que muitas crianças não recebem atenção em casa e com isso, a criança percebe que somente quando ela entra em situações abusivas, ela recebe carinho e afeto por parte dos familiares.

Dentro da problemática do abuso sexual, as habilidades sociais são bastante apropriadas pois, possibilitam que as crianças desenvolvam comportamentos de autoproteção, valorização de direitos e deveres e recusar pedidos abusivos, na qual ela não precisará se pôr em situações de risco, para conseguir atenção dos pais. Baseada no treino das habilidades empáticas, onde se busca que a criança desenvolva comportamentos empáticos, assegura-se a eficácia do treino, já que uma pessoa com esses comportamentos, geralmente, considera os sentimentos

dos outros, fazendo assim com que não se tornem futuros abusadores.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, R. E; EMMONS, M. L. **Comportamento Assertivo: Um Guia De Auto-Expressão**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

CABALLO, V. E. O Treinamento em Habilidades Sociais. In: CABALLO, V. E. (Org.). **Manual de técnicas de terapia e modificação de comportamento**. São Paulo: Livraria Santos Ed, 1996.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **Psicologia das habilidades sociais na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **Habilidades sociais cristãs: desafios para uma nova sociedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FALEIROS, E. T. S.; CAMPOS, J. O. **Repensando os Conceitos de Violência, Abuso e Exploração Sexual de Crianças e de Adolescentes**. Brasília: CECRIA, 2000.

FLORENTINO, B. R. B. As Possíveis Consequências Do Abuso Sexual Praticado Contra Crianças E Adolescentes. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 139-144, maio/ago. 2015.

FURNISS, T. **Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GAUDERER, E. C. **Sexo e sexualidade da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

LIMA, C. M. **Infância Ferida: Os vínculos da criança abusada sexualmente em seus diferentes espaços sociais**. 2007. Dissertação de Mestrado não publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PADILHA, M. G. S. **Abuso sexual na infância e na adolescência: você pode descobrir o que está acontecendo**. São Paulo. 2002.

RIBEIRO, M. O.; DIAS, A. de F. Prostituição infanto-juvenil: Revisão Sistemática da Literatura. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 465-71, 2009.

SAUD, L. F; TONELOTTO, J. M. F. **Comportamento Social na Escola: Diferença Entre Gêneros e Séries**. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 47-57, jun. 2005.

SILVA, P. **Violência Doméstica: O Que A Escola Tem A Ver Com Isso?** São Paulo, 2000.

SILVA, A. T. B; MARTURANO, E. M. Práticas Educativas e Problemas de Comportamento: Uma Análise à Luz das Habilidades Sociais. **Estud. Psicol.**, Natal, v. 7, n. 2, p.227-235, 2002.

SOBRE AS AUTORAS

Andreza Mônica Batista da Silva

Centro Universitário Católica de Quixadá, Brasil

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA). Membro associada da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC) e da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO).

E-mail: andrezamonica.psicologia@gmail.com

Fabiana Neiva Veloso Brasileiro

Universidade de Fortaleza, Brasil

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Especialista em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Mestre e doutora em Psicologia pela UNIFOR. Professora e supervisora clínica do Serviço de Psicologia Aplicada da UNIFOR e membro do Laboratório OTIUM, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, e do Grupo de Trabalho (GT) Ócio, Tempo Livre e Trabalho da ANPEPP.

E-mail: fabianaveloso@unifor.br

Milena de Holanda Oliveira Bezerra

Centro Universitário Católica de Quixadá, Brasil

Doutoranda em Estudos da Criança na especialidade de Saúde Infantil pela Universidade do Minho (UMINHO/PT). É Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Graduada em Psicologia e Especialista em Saúde Pública e da Família. Docente e Coordenadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA).

E-mail: milenaholiveira@unicatolicaquixada.edu.br

Andréa Alexandre Vidal

Centro Universitário Católica de Quixadá, Brasil

Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Docente e supervisora de estágio em Psicologia Clínica Sistêmica. Coordena o Serviço de Psicologia Aplicada do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA). Membro do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UNICATÓLICA.

E-mail: andreavidal@unicatolicaquixada.edu.br